



VENUTI, L. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2019. cap. 4, p. 137-178.

OS EFEITOS DA DOMESTICAÇÃO TRADUTOLÓGICA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS

João Gabriel Pereira da Silveira¹
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
(jgsilveira96@gmail.com)

Traduzir é uma atividade intelectualmente complexa que demanda uma variedade de desafios por parte de quem traduz e, além disso, exige que o encarregado dessa atividade esteja munido de diversas estratégias para melhor solucionar os *escândalos* com os quais poderá se deparar. Diferentes assuntos abordados em diferentes meios culturais exigem do tradutor uma intensa dedicação às pesquisas, que são essenciais para transmitir com mais consistência as informações contidas no texto-fonte ao público-alvo e conferir uma maior eficácia à tradução como produto final. A obra *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*, de autoria do teórico americano Lawrence Venuti e originalmente publicada em 1998, apresenta diversas reflexões atinentes aos conflitos que perpassam o âmbito tradutológico em seus vários aspectos, sejam estes internos (sobretudo linguísticos) ou externos (de ordem cultural, sociopolítica ou ideológica). Acerca desses fatores, o teórico enfatiza, no quarto capítulo da obra, questões de ordem identitária e cultural, as quais serão tratadas neste texto.

Ao introduzir a temática principal do capítulo intitulado *A formação de identidades culturais*, o autor é cirúrgico ao afirmar que a formação de identidades culturais é o efeito mais suscetível à ocorrência de escândalos na tradução. Seguindo essa linha de raciocínio, Venuti aponta que a tradução, ao passo que atribui respeito a grupos étnicos, raciais e nacionais, também pode causar certa aversão a esses grupos com base no etnocentrismo, racismo ou patriotismo, respectivamente, iniciando um “processo ambíguo de formação de identidade” (VENUTI, 2019, p. 138). Isso mostra que, de certa forma, a tradução é uma atividade de grande poder e influência cultural e que, a depender das estratégias discursivas utilizadas pelo tradutor, pode manter ou alterar a hierarquia de valores de instituições religiosas na cultura de chegada, assim como de cânones literários, métodos de pesquisa, técnicas

¹Graduando em Letras-Bacharelado com ênfase em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua como pesquisador de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq) no campo dos Estudos da Tradução, mais especificamente no âmbito da Tradução Audiovisual. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3304-1768>.



clínicas e de várias outras informações de cunho geral ou científico. É com base nessa capacidade que a tradução possui de fixar ou alterar conteúdos que Venuti passa a examinar projetos tradutórios de diferentes épocas, os quais apresentam um processo de formação identitária na cultura de chegada e, conseqüentemente, uma mudança significativa num dado momento histórico. Um exemplo dado pelo autor é o estudo publicado em 1962, do especialista em cultura clássica John Jones, que desafiou e desconstruiu a interpretação dominante sobre o conceito de tragédia grega – concebido por muitos acadêmicos da época sob uma perspectiva psicológica – e teceu críticas às traduções da obra de Aristóteles, que, de certa forma, suscitavam equívocos interpretativos por parte dos estudiosos. As críticas de Jones às traduções tinham respaldo analítico e eram pontuais: os tradutores acadêmicos impingiam suas visões individualistas e equivocadas ao texto grego através de escolhas lexicais tendenciosas e expressavam suas concepções sobre o texto-fonte na própria tradução, fato que, de certa forma, revelava a ideologia dos tradutores. Feitas essas investigações, John foi bem recebido pela crítica ao demonstrar que, apesar de serem rigidamente sustentadas pelo cânone, traduções acadêmicas também constroem representações enviesadas de determinados textos e culturas, podendo muito bem serem passíveis de desconstrução (e reconstrução), independentemente do período histórico em que o texto é situado.

Além disso, Venuti destaca um importante ponto acerca das mudanças que ocorrem em diversas áreas do conhecimento: o surgimento de outras representações, que emergem para “desafiar” as concepções então vigentes. O estudo de Jones mencionado anteriormente é uma clara exemplificação disso, uma vez que o especialista desconstruiu a ideia dominante da época e, tal como fizeram os outros tradutores, também construiu sua concepção através de uma tradução da obra aristotélica, consolidando uma nova representação. Isso quer dizer que as representações domésticas (ou seja, que adaptam conteúdos para a cultura-alvo) de uma dada cultura ou texto e construídas com base nas concepções e interpretações do tradutor, apesar de poderem alterar as fronteiras disciplinares, são maleáveis e passíveis de desconstruções, já que as traduções conseguem romper com as tradições e consolidar outros pensamentos na cultura de chegada. Sobre isso, é importante ressaltar: para que tais desconstruções sejam feitas, deve haver um considerável embasamento teórico por parte do proponente, uma vez que, como aponta Britto (2001), o desconstrutivismo envolve a problematização de categorias e a relativização de conceitos consolidados na teoria da tradução.

Mais à frente, Venuti passa a discorrer sobre a tradução da ficção japonesa moderna para o inglês, ressaltando que existe certa estereotipagem cultural na formação dos cânones estabelecidos pelas editoras americanas por meio das traduções. Segundo o autor, as ficções japonesas eram apreciadas por um público bastante limitado de leitores (composto predominantemente por especialistas em literatura japonesa) e, sabendo disso, os tradutores acadêmicos faziam traduções homogeneizadoras, evitando que a linguagem empregada no texto traduzido fosse interpretada como não sendo utilizada por um tradutor americano moderno dotado de dons literários considerados “modestos”.

Essa homogeneidade na tradução foi construída a partir da Segunda Guerra Mundial e as traduções das ficções japonesas passaram a referir-se a



passagens acerca do passado nefasto vivido pelo Japão e influências ocidentais, corroborando que “a nostalgia expressa pelo cânone foi especificamente americana, não necessariamente compartilhada por leitores japoneses” (VENUTI, 2019, p. 148). Segundo o autor, isso de certa forma mostra que, ainda que um projeto de tradução seja elaborado com a finalidade de refletir os anseios de uma comunidade específica, a representação feita de uma cultura estrangeira pode também adquirir proporção nacional e ser aceita por muitos leitores, independentemente da posição social de cada um. Em outras palavras, o que antes era de interesse de uma minoria representativa – no caso das editoras e dos acadêmicos americanos – tornou-se assunto de repercussão nacional, uma vez que a ficção japonesa traduzida para a língua inglesa ganhou enormes proporções devido à ampla divulgação e do crescente interesse do público e, além de ter aumentado o estereótipo sobre a cultura japonesa, também contribuiu para o efeito de dominação pós-guerra por parte da cultura americana, já que estes notaram a iminência de um novo cânone através das publicações de diversos romances de autores japoneses na época, intensificaram os conflitos culturais e, com isso, impactaram significativamente no crescimento da imposição racial, sendo esses fatores inerentes às características da decolonialidade abordadas por Price (2017).

Posteriormente, Venuti revela que ambos os projetos tradutórios supracitados estão diretamente engajados na formação de identidades domésticas, uma vez que as representações por eles construídas são dirigidas a comunidades culturais específicas. O autor menciona, ainda, que esses projetos foram planejados com foco nas questões relacionadas ao saber acadêmico e ao desenvolvimento de determinadas disciplinas, sendo a formação dessas identidades domésticas uma mera consequência do elevado alcance atingido pela recepção das traduções. À parte disso, o teórico americano ressalta que algumas traduções são idealizadas com o intuito de estabelecer projetos culturais ambiciosos por meio do desenvolvimento de uma literatura e linguagem domésticas, buscando ocultar certos aspectos culturais contidos no texto-fonte e adaptando-os à cultura do texto-alvo, tal como ocorreu na tradução alemã durante os séculos XVIII e XIX, cujos textos traduzidos foram direcionados à elite cultural que preferia uma literatura nacional com um refinamento baseado em textos clássicos. Essas posições ideológicas, adotadas por tradutores e pelas editoras, remetem ao conceito de “patronagem” cunhado por Lefevere (1992), que, com base na noção de “poder” foucaultiana, alude aos diversos fatores de controle que podem fomentar ou restringir a leitura, a escrita e a reescrita de uma dada literatura com o intuito de regulá-las para fins econômicos ou ideológicos. Assim, as traduções mostram-se como ferramentas capazes de colocar os leitores “[...] em inteligibilidades domésticas que também são posições ideológicas, conjuntos de valores, crenças e representações que favorecem os interesses de certos grupos sociais em detrimento de outros” (VENUTI, 2019, p. 159), afetando, também, na reprodução e recepção da obra no contexto de chegada.

Por fim, o autor afirma que a tradução como prática cultural também possui a capacidade de promover uma mudança no seio social porque o processo de construção de identidade não é fixo, mas dinâmico e relativo, sendo por meio desse processo que indivíduos e instituições passam por constantes alterações que são por vezes frutos de domesticações. Esse fato pode ser exemplificado com a tradução do



sacerdote católico São Jerônimo, que, por meio do uso de diversas estratégias discursivas na sua tradução da Bíblia, fez repercutir as Escrituras na língua latina e exerceu profundas influências na cultura da Europa Ocidental. É com base em tais informações que Venuti conclui o capítulo, reafirmando que a tarefa da tradução é tornar textos inteligíveis em termos de domesticação e que, nesse processo, há a introdução de diversos conteúdos cujos aspectos culturais envolvidos podem não só contestar o que já está consolidado na cultura de chegada, mas também nela firmarem novas práticas e concepções.

Referências

BRITTO, P. H. Desconstruir para quê?. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 8, p. 41-50, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5883>. Acesso em: 09 fev. 2021.

LEFEVERE, A. **Translation, rewriting and the manipulation of literary fame**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1992.

PRICE, J. M. Whose America? Decolonial translation by Frederick Douglass and Caetano Veloso. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, v. 28, n. 1-2, p. 65-89, 2015. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ttr/1900-v1-n1-ttr03236/1041650ar.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2021.

VENUTI, L. A formação de identidades culturais. *In*: VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2019. cap. 4, p. 137-178.

Recebido em: 18/12/2020

Aceito em: 10/02/2021